

A QUESTÃO DA COERÊNCIA SOB A PERSPECTIVA SÓCIO-COGNITIVA DA LINGUAGEM

Maria Angélica de Oliveira PENNA (UNICAMP)*

Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, "Histórias Vividas", uma imponente gravura. Representava ela uma jibóia que engolia uma fera. Eis a cópia do desenho:



Dizia o livro: "As jibóias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão."

Refleti muito então sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim:



Mostrei minha obra prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo.

Responderam-me: "Por que é que um chapéu faria medo?"

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jibóia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. Meu desenho número 2 era assim:



(Antoine de Saint Exupéry - *O pequeno príncipe*)

RESUMO. A intenção desse texto é abordar a questão da coerência textual com base no conhecimento partilhado entre os interlocutores, o que envolve modelos (atualizáveis) de discurso. Procurarei demonstrar que a aparente ausência de conexão lógica entre os parágrafos do texto-exemplo não nos autoriza a classificá-lo como incoerente, uma vez que o que se encontra em jogo é o conhecimento partilhado pelos co-enunciadores e esse conhecimento envolve representações mentais construídas interativamente.

ABSTRACT. The aim of this paper is to analyze textual coherence based on the knowledge shared among speakers (interlocutors), which involves (updateable) models of discourse. I will try to demonstrate that the apparent absence of logical connection among paragraphs of the text does not allow us to classify it as incoherent, since what is dealt with is the knowledge shared by co-enunciators and this knowledge involves mental representations which are built interactively.

1. Introdução

Este artigo baseia-se teoricamente na abordagem sócio-cognitivista da linguagem e nas teorias sobre a atividade de *referenciação*. Apóia-se, também, na noção de *processos estratégicos* tal como postulado por VAN DIJK (1983/2002, p.23).

Para o autor, processos estratégicos contrastam com aqueles processos baseados em regras e algoritmos, os quais garantem o sucesso de uma proposição apenas enquanto as regras estão corretas e são aplicadas adequadamente.

Diferentemente, portanto, das abordagens formais da referência, procurarei mostrar que, quando se fala em *referenciação*, está-se falando em um *processo estratégico*, de modo que não pode haver garantia de sucesso para a interpretação de um texto conforme a intenção do autor, embora este possa conduzir

* angelicapenna@uol.com.br

argumentativamente tal interpretação, de acordo com seu objetivo comunicativo e possua, portanto, uma projeção de leitor para seu texto.

Essa projeção de leitor sugere que a atividade de *referenciação* seja uma atividade *interativa* e que a construção da coerência resulte de uma negociação entre co-enunciadores envolvidos, necessariamente, em uma moldura comunicativa próxima.

A abordagem sócio-cognitivista da linguagem, ao contrário das abordagens referencialistas, não compreende que palavras possam espelhar o mundo e não coloca a relação entre o discurso e mundo em termos de verdadeiro ou falso. Compreende que os falantes tendem a classificar uniformemente os exemplares de um certo tipo com base em sua prototipicidade, tal como propôs ROSCH (1978, apud CHIAVEGATTO, 2003) e que, portanto, dispõem de protótipos mentais, podendo esses protótipos sofrer variações que não impedem que elementos, desprovidos de algumas das características de um membro prototípico, se enquadrem em uma mesma categoria, como a categoria das aves, onde o pardal é mais prototípico que uma galinha; a categoria dos móveis, onde uma cadeira é mais prototípica que um ventilador; a categoria dos mamíferos, onde uma vaca seria mais prototípica que um morcego.

As variações categoriais que ocorrem no discurso, no entanto, têm a ver com a inserção histórica do falante; com ideologias; com pontos de vista.

O sócio-cognitivismo entende que o homem organiza o mundo em categorias; que estas categorias, como defendem MONDADA & DUBOIS (1995), não são estanques e estão sujeitas a mudanças tanto sincrônicas como diacrônicas e que, antes de serem fixadas, histórica ou normativamente, são controversas *porque situadas*. Como diz MARCUSCHI (2004, p. 65),

A mudança de rumo dar-se-ia ao se pensar que as categorias constituem-se no processo intersubjetivo de pelo menos duas mentes convergindo sobre a melhor forma de construir uma dada proposição diante do mundo. E nisto surge uma *relação de coerência* de duas posições sobre um dado fenômeno. Em outros termos, a produção de categorias seria uma atividade sócio-cognitiva situada em contextos culturais específicos na tentativa de construir o conhecimento. [grifo meu]

O sócio-cognitivismo entende, portanto, a cognição como um fenômeno situado e entende, sobretudo, que os sentidos emergem da interação entre co-enunciadores, porque são negociados através de estratégias cognitivas que possuem como pano de fundo um projeto de dizer. Devido à instabilidade das categorias, ao falante é permitido proceder a escolhas significativas que lhe permitam conduzir o seu projeto, de maneira a tornar eficiente a comunicação.

2. Enquadramento sócio-cognitivo e construção da coerência

A construção da coerência, portanto, não depende apenas de como os mecanismos lingüísticos se dispõem na superfície textual, mas [e, sobretudo] de um enquadramento sócio-cognitivo interacional que se dá entre os parceiros da comunicação.

Segundo MARCUSCHI (2000/2006, p. 17),

A coerência, mais do que uma propriedade do discurso, é uma espécie de condição discursiva, ou seja, um princípio. Não um princípio de boa-formação e sim um princípio de acessibilidade. Em certo sentido, podemos dizer que a coerência é o que deve acontecer quando introduzimos certo objeto de discurso e depois pretendemos prosseguir com ele naquele discurso. A coerência é uma necessidade e uma condição de discursividade e não um simples produto de relações e atividades lingüísticas e lógicas.

Nesse contexto, os modelos cognitivos são imprescindíveis para o processamento textual, pois, por representarem as experiências que os falantes vivenciam em sociedade, servem de base aos processos conceptuais. Nos dizeres de KOCH (2004),

constituem, pois, conjuntos de conhecimentos socioculturalmente determinados e vivencialmente adquiridos, que contêm tanto conhecimentos sobre cenas, situações e eventos, como conhecimentos sobre como agir em situações particulares e realizar atividades específicas.

Segundo a autora, modelos cognitivos recebem diferentes denominações na literatura lingüística: para MINKY (1975) trata-se de *frames*; para SCHANK & ABELSON (1977), *scripts*; para SANFORD & GARROD (1985) seriam *cenários*; para RUMELHART (1980), *esquemas*; para JOHNSON-LAIRD (1983), *modelos mentais* e para VAN DIJK (1983), *modelos episódicos ou de situação*.

Importa saber, que para a teoria sócio-cognitivista da linguagem, esses modelos são atualizáveis e que incorporam crenças, atitudes e opiniões.

ZAMPONI (2003) chama a esses modelos, *modelos de discurso* ou *memória discursiva*, numa referência a BERREDONER (1994b):

Por modelo de discurso entendemos uma representação mental construída pelos participantes da interação. Esses modelos estão constantemente sujeitos à revisão, em razão da adição de interpretações novas que provêm dos enunciados ulteriores de um texto. Esses acréscimos provocam necessariamente uma atualização desses modelos, que incluem uma representação de entidades e acontecimentos introduzidos pelos parceiros, assim como relações que eles – entidades e acontecimentos – mantêm entre si.

3. Exemplificação

Só mesmo com base em uma teoria que leve em conta que os sentidos emergem no discurso, explica-se o processamento de textos como o que se segue:

Notas de rodapé para uma teoria da globalização¹

Uma borboleta bate as asas metálicas sobre o Pentágono e a tempestade dos desertos insurgentes se ergue no Oriente; os aliados dos desgovernos anteriores caem de joelhos e explodem. Quem precisa desses comerciais de heróis e vitórias quando mal entendemos o nosso fracasso?

O melhor do Brasil pode nem ser tão brasileiro assim, planejado em Chicago, financiado pelo Japão, depositado nas Ilhas Cayman, fabricado na China, plantado na Colômbia ou sintetizado em Londres...

Que diferença faz a fome dos homens que é preciso zerar?

Enquanto as escolas não ensinarem um pouquinho mais de ciência à juventude transviada e ignorante de causas e efeitos, serão os anabolizantes bovinos argentinos que realizarão seu pesadelo de beleza. Os resíduos tóxicos poderão ser a última esperança para a alucinação dos drogados.

[...] As modelos sorridentes, os fenômenos calvos e os apresentadores grávidos reproduzirão uma nova era de prosperidade para os cadernos de cultura, com festas patrocinadas e anúncios de fertilidade nas colunas sociais[...]

O bom é ser mendigo branco em Paris, por enquanto. Aliás, a esperança dos migrantes será desidratada no deserto do Arizona, hidratada no Mar Mediterrâneo ou eletrificada em Gaza.[...]

A ditadura da violência poderá inutilizar os ideais de liberdade, confundidos com a defesa da própria pele a qualquer preço. Não há mágica: os culpados continuarão pagando com os inocentes, enquanto a felicidade de uns continuar dependendo da infelicidade dos outros.

(Fernando Bonassi, FSP, 21/09/2004)

Antes de proceder à análise, faz-se pertinente ouvir o que VAN DIJK (1988/2002, p.158) pode nos dizer sobre os modelos de situação:

[...] os modelos suprem a grande quantidade de informação que está implícita ou pressuposta na interpretação do discurso. Quer inferidas de *scripts* instanciados, quer de experiências prévias concretas, nossas suposições sobre os modelos do ouvinte nos permitem deixar a informação “conhecida” implícita na produção do discurso, e o leitor é geralmente capaz, possivelmente através de sinais de implicitude no texto (tal como artigos definidos ou outros traços de pressuposição), de recuperar “elos faltantes”.

Poderíamos – levados pela noção de texto predominante nos anos setenta, momento em que a coesão era considerada a grande responsável pela textualidade e, portanto, pela coerência textual – caracterizar o texto-exemplo como um *não-texto* devido à aparente falta de conexão lógica entre os parágrafos.

No entanto, como o autor o apresenta como um texto, e, mais que isso, por ser veiculado por um jornal de grande circulação – o que lhe confere legitimidade – o leitor é levado a categorizá-lo como tal e,

¹ Texto integral em anexo

seguindo as pistas ali deixadas pelo autor, é levado a acionar seu conhecimento enciclopédico na empreitada da (re)construção.

Cabe então ao leitor, reconhecer, a partir de seu conhecimento, o que seriam “notas de rodapé”, como anuncia o título do texto, e, se são “notas”, isso talvez justifique a falta de conexão entre os parágrafos. Mas, notas de rodapé subentendem um texto e talvez [a reconstrução do sentido se dá por hipóteses] seja este texto o que o autor pretenda que o leitor infira de suas notas. A expressão “para uma teoria da globalização” parece confirmar a tese de que a teoria deverá ser inferida das notas. Enfim, o termo “globalização” parece justificar o fato de o autor oscilar por diferentes espaços [aqui (Brasil), Rússia, Nigéria, desertos insurgentes, Pentágono, Arizona, Mediterrâneo, Gaza, etc].²

O autor parece convidar o leitor a revisitar a *Teoria do Caos*, proposta pelo meteorologista Edward Lorenz nos anos 60, para a qual o bater de asas de uma borboleta no Brasil poderia desencadear um tornado no Texas. Nesse sentido, cabe a observação para que se atente ao que KOCH (2004, cap.9) chama de “intertextualidade implícita”, isto é, introdução de texto alheio em um dado texto, sem menção da fonte. A autora argumenta que o produtor do texto, nestes casos, espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva; caso contrário, segundo a autora, a construção dos sentidos se vê prejudicada:

(1) Uma borboleta bate as asas metálicas sobre o Pentágono e a tempestade dos desertos insurgentes se ergue no Oriente.

Ou seja, fatores insignificantes, distantes, poderiam eventualmente, produzir resultados catastróficos imprevisíveis.

O reconhecimento desse possível propósito do autor, exige um leitor específico [o tipo de leitor ideal para o caderno (*Ilustrada*) que veicula o texto, aliás]; no entanto a *Teoria da globalização* proposta pelo autor, pode prescindir de tal informação e ser construída com base em outras informações, contanto que o universo do leitor não se afaste muito do universo do autor.

É importante notar que esse texto está vinculado a momentos históricos específicos e que, portanto, visa a um leitor que possa reconhecer, dado o seu conhecimento enciclopédico, tais momentos. A coerência do texto aqui, não se dá por elos coesivos, nem por processos remissivos cotextuais – a coerência se dá levando em conta o conhecimento partilhado entre os co-enunciadores e esse conhecimento inclui a reconstrução do sentido através de formas metafóricas* – ou melhor, negociam-se sentidos a ponto de o leitor não ter problemas em reconhecer, dentro desse contexto, a *borboleta de asas metálicas*; o *Pentágono*; a *tempestade dos desertos insurgentes* que *se ergue no oriente*; os *aliados dos desgovernos anteriores* que *caem de joelhos e explodem*, como expressões que aludem metaforicamente ao ataque terrorista sofrido pelos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, que culminaram com a explosão das torres gêmeas³. São fatos que fazem parte do conhecimento enciclopédico dos co-enunciadores. Tais expressões, no entanto,

² MARCUSCHI (1983, apud KOCH 2004), defende que elementos como título, nome do autor e início do texto sejam, muitas vezes, decisivos para a interpretação. Sugere que sejam elementos que permitem avançar expectativas sobre o texto e que sejam fatores responsáveis pela ancoragem do texto em uma dada situação comunicativa.

O mesmo autor (2000/2006, p.19) diz que “*Grosso modo*, pode-se dizer que a referência providencia pistas sugestivas para a produção de sentido e a coerência é o aproveitamento dessas sugestões para a elaboração de sentidos específicos em modelos representacionais” [grifo do autor].

* Maria Benites et al, em texto ainda não publicado, ao tratar de um diálogo entre as idéias de Bakhtin, Vigotski e Bateson, falam que metáforas são, em geral, elementos constitutivos de nossa concepção de realidade, que nelas construímos imaginações como “quadros” (grifo dos autores). Argumentam que somos dotados de uma *competência metafórica* que seria a *capacidade de ver uma coisa como outra coisa*.

No exemplo em questão, a borboleta – para um leitor mais especializado – desencadearia todo o quadro da Teoria proposta por Lorenz e explicaria a expressão ‘*para uma teoria da globalização*’; o leitor menos especializado poderia chegar a uma teoria convergente, por possuir a capacidade de enxergar em uma borboleta de asas metálicas, o avião que os terroristas [dos desertos insurgentes] usaram no atentado de 2001 contra os EUA. Nesse caso, além de o autor contar com conhecimentos partilhados, ele também conta com a capacidade do leitor de “enxergar uma coisa como outra coisa”, como defendem Benites et al, e isso envolveria processos sociocognitivos, dado que os autores afirmam que o pensamento metafórico parte da construção de um *insight* – o que, no nosso entender, estaria muito próximo do que foi denominado *frames* ou *esquemas mentais*.

³ Outras associações podem emergir das metáforas, de acordo com o conhecimento de mundo do leitor. O fato de não haver garantia de sucesso na interpretação, conforme o pretendido pelo autor, nos permite caracterizar a questão da coerência como um processo estratégico, não referencialista, conforme postulado por Van Dijk (op.cit.)

adquiririam significados diferentes em contextos diversos ou, dentro desse mesmo contexto, podem nada significar ao leitor que não compartilhe de tais conhecimentos.

O autor desse texto conta também com a colaboração do leitor no reconhecimento de uma voz que ironiza a campanha publicitária promovida pelo então governo brasileiro, com o intuito de resgatar a auto-estima de seu povo: “O melhor do Brasil é o brasileiro”:

Observe-se como se dá a interlocução em “nem tão assim”; interlocução também presente no apelo ao conhecimento enciclopédico do leitor:

(2) O melhor do Brasil pode nem ser tão brasileiro assim, planejado em Chicago, financiado pelo Japão, depositado nas Ilhas Cayman, fabricado na China, plantado na Colômbia ou sintetizado em Londres.

O texto parece, também, ironizar o programa “Fome Zero” - plataforma eleitoral do mesmo governo - no enunciado ambíguo

(3) Que diferença faz a fome dos homens que é preciso zerar?

O autor, talvez conte com o reconhecimento da ambigüidade que se dá em decorrência de duas referências cotextuais para o relator *que* [é preciso zerar *a fome* ou é preciso zerar *os homens*?]; conta, portanto, com o conhecimento lingüístico do leitor.

Com relação à ambigüidade, é importante ressaltar que esse artigo foi escrito em um momento em que os jornais veiculavam a notícia de uma matança misteriosa de mendigos que dormiam nas ruas de São Paulo, o que pode ter motivado a indignação do produtor.

Enfim, para se construir sentidos em um texto como este, o leitor deve mobilizar uma série de conhecimentos que dizem respeito a fatos históricos, à sua inserção como sujeito do mundo.

Pode-se notar que durante todo o tempo, o autor apela para saberes cotidianos, como por exemplo, a morte de dois rapazes goianos em decorrência de um uso excessivo de anabolizantes argentinos, em função de uma ideologia presente na sociedade que elege certos padrões de beleza [além de explorar o fato de que isso se dá em função de uma educação precária]; apela para certas associações que se dão em função de “modelos sorridentes [boca avantajada da modelo Daniela Cicarelli]”⁴, “fenômenos calvos” [alusão ao atleta Ronaldo] – presentes nos discursos midiáticos do momento, em decorrência do anúncio de um casamento patrocinado por grandes empresas multinacionais; também exige que o leitor reconheça a situação dos migrantes latinos que morrem no deserto do Arizona; dos Africanos que se afogam no mar Mediterrâneo e dos palestinos que são eletrificados nas cercas de Gaza.

É importante ressaltar que o discurso a ser construído subjaz às notas e, ainda que enunciatório pertençam a um mesmo contexto sócio-histórico-cultural, isso não garante a construção do sentido conforme a intenção do autor, uma vez que para inferir a “teoria da globalização”, deverão contar as crenças e os pontos-de-vista do leitor.

4. Considerações Finais

Textos como o apresentado, veiculados em meios específicos, visando a leitores específicos, corroboram a tese de que língua e mundo não se encontram numa relação especular; que os sentidos são criados no discurso, a partir das experiências e da inserção do sujeito num mundo onde as coisas acontecem a todo o momento e não são observadas sob o mesmo prisma por duas pessoas diferentes e nem mesmo pela mesma pessoa em momentos diferentes; que a construção dos sentidos conta com o “partilhar” de experiências, numa ação colaborativa entre sujeitos.

Desse modo, recuperando o excerto do “*Pequeno Príncipe*” de Saint-Exupéry, utilizado como epígrafe para esta argumentação, não se pode sentir “medo” de um desenho parecido com um chapéu [“Mostrei minha obra prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo. Responderam-me: “Por que é que um chapéu faria medo?”] quando não há âncoras para se construir colaborativamente o sentido. E, quando os co-

⁴ Em outro contexto, causaria estranhamento a associação de *sorridente* com *boca avantajada* [da modelo Daniela Cicarelli]. Entretanto tal característica da modelo em questão [o fato de possuir uma boca avantajada] foi explorado pela mídia, com uma certa constância, na ocasião em que esse texto entrou em circulação.

enunciadores pertencem, como no excerto, a molduras diferentes, as explicações realmente se fazem necessárias:

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jibóia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. Meu desenho número 2 era assim:



5. Referências bibliográficas

BENITES, M; FICHTNER, B & GERALDI, J.W (2005 – no prelo) *Transgressões convergentes*- Bakhtin, Vigotski e Bateson (coletânea de textos).

BONASSI, F. In <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2109200415.htm>

CHIAVEGATTO, V.C. (2003) *Introdução à Lingüística Cognitiva: categorização, protótipos e categorias*. Trabalho apresentado no III Congresso Internacional da Abralín

KOCH. I. G. V. (2004) *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Martins Fontes.

KOCH & PENNA (2006) *Construção/Reconstrução de Objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual*. In Cadernos de Estudos Lingüísticos 48(1) (edição especial: o tópico discursivo). Campinas: IEL-UNICAMP.

MARCUSCHI, L.A. (2004). *A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização*. In Lingüística e Cognição. Juiz de Fora, MG: editora UFJF.

_____. (2000/2006) *Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais*. In Cadernos de Estudos Lingüísticos 48(1) (edição especial: o tópico discursivo). Campinas: IEL-UNICAMP.

MONDADA& DUBOIS (1995) *Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação*. Clássicos da Lingüística I, in Cavalcanti, M.M Rodrigues, B. B; Ciulla, A.L (2003) *Referenciação*. São Paulo: Contexto

VAN DIJK, T. A. (1983/2002). *A caminho de um modelo estratégico de processamento de discurso*. In Cognição, Discurso e interação (organização e apresentação de Ingedore Koch – Tradução de João A. Telles). São Paulo: Contexto.

_____. (1988/2002). *Modelos na memória – o papel das representações da situação no processamento do discurso*. In Cognição, Discurso e interação (organização e apresentação de Ingedore Koch – Segunda versão, tradução Ingedore G.V. Koch). São Paulo: Contexto.

ZAMPONI, G. (2003). *Processos de Referenciação: Anáforas Associativas e Nominalizações*. UNICAMP – IEL: tese de doutorado

FERNANDO BONASSI

Notas de rodapé para uma teoria da globalização

Uma borboleta bate as asas metálicas sobre o Pentágono e a tempestade dos desertos insurgentes se ergue no Oriente; os aliados dos desgovernos anteriores caem de joelhos e explodem.

Quem precisa desses comerciais de heróis e vitórias quando mal entendemos o nosso fracasso? O melhor do Brasil pode nem ser tão brasileiro assim, planejado em Chicago, financiado pelo Japão, depositado nas Ilhas Cayman, fabricado na China, plantado na Colômbia ou sintetizado em Londres...

Que diferença faz a fome dos homens que é preciso zerar?

Enquanto as escolas não ensinarem um pouquinho mais de ciência à juventude transviada e ignorante de causas e efeitos, serão os anabolizantes bovinos argentinos que realizarão seu pesadelo de beleza. Os resíduos tóxicos poderão ser a última esperança para a alucinação dos drogados.

Neste clima, os furacões até poderão se deslocar para o Hemisfério Sul, ameaçando nossas costas douradas e arqueadas, mas foi um operário esquerdista brasileiro que, vindo de baixo, atingiu a Presidência da República, realizando a fantasia de direitos norte-americanos!

Acontece que, se todos os sanduíches tivessem os mesmos índices de gordura desnecessária, a arteriosclerose, pelo menos, seria democrática em nosso continente.

Quanto à imagem, esgotada pelos defeitos especiais, os entrevistadores darão o golpe final nos entrevistados, transformando-se em celebridades inquestionáveis com perguntas desprezíveis. Os produtores indiferentes continuarão parecendo semelhantes em seu desleixo com as nossas mentes. As modelos sorridentes, os fenômenos calvos e os apresentadores grávidos reproduzirão uma nova era de prosperidade para os cadernos de cultura, com festas patrocinadas e anúncios de fertilidade nas colunas sociais. Entraremos na "era de uma vez", acreditando nas mesmas mentiras. A luta de classes terá 12 rounds, transmitida em sistema "pay-per-view".

Por falar nisso, há momentos em que tudo é possível e aqueles que enxergam longe são os primeiros a morrer... Deus, por exemplo, parece não abençoar mesmo essas crianças soviéticas, outrora carcomidas pelos comunistas e atualmente alvejadas pela polícia, entre uma ditadura e outra.

A semelhança com outras forças nacionais de insegurança no trato com reféns será considerada com desdém pelos comandantes apressados de ambos os lados.

Como agirão as companhias de petróleo (pobres na Rússia e ricas na Nigéria) ao precisarem dos nossos fósseis para a produção de combustíveis?

O bom é ser mendigo branco em Paris, por enquanto. Aliás, a esperança dos migrantes será desidratada no deserto do Arizona, hidratada no Mar Mediterrâneo ou eletrificada em Gaza.

O avião encurtou as distâncias e os salários. Os sindicatos lutarão por subempregos e a revolução poderá ser financiada em 13 prestações mensais, a juros de 20%.

O pior cego é aquele pobre, cujo transplante está na lista dos necessitados que não podem adquirir seus próprios órgãos no mercado negro.

As filas nos tornarão iguais perante a lei da espera e da procura.

Na dívida, os bancos receberão primeiro.

Na dúvida, a ordem se manterá acima do progresso, à custa de sobressaltos inventados por jornalistas covardes e publicitários corajosos o suficiente para venderem essas políticas.

As sete pragas do Egito são: o calor, a areia, a tradição, o terrorismo, royalties de tecnologia, a voragem Palestina e o exército de Israel.

Por trás de uma ONG desinteressada pode haver governantes interesseiros.

Os costureiros socialistas e os radicais estéticos de ocasião vestirão a nova nobreza entediada pela acumulação.

Se ninguém fizer um movimento inteligente, o nada será burro como antes. O sentido da vida será percebido pelo olfato. O cheiro será forte e inesquecível.

Ainda que as cotas, as bolsas e as caridades dissimuladas tornem a todos semi-alfabetizados, será menos improdutivo do que a maioria dos ignorantes confiar nuns poucos "muito letrados", como vem acontecendo.

As bolhas de desenvolvimento poderão se tornar bolhas assassinas se incomodadas no vazio do seu crescimento predatório. As empresas controlarão as matérias-primas, depois os mercados, depois os funcionários e, por fim, os próprios empresários, fazendo com que todos façam alguma coisa imprestável pela impessoalidade de seus desejos.

Os circuitos internos de TV farão companhia aos solitários fechados em condomínios. A fatura desse desprezo continuará a ser apresentada nas fronteiras minadas e nas cidades sitiadas por dentro, em cada cruzamento. Não faltará trabalho para os seguranças preocupados nem para os segurados intranquilos. O franchising dessa esperteza pode ser barato de pagar, ainda que seja um risco de vida a se colher.

A ditadura da violência poderá inutilizar os ideais de liberdade, confundidos com a defesa da própria pele a qualquer preço. Não há magia: os culpados continuarão pagando com os inocentes, enquanto a felicidade de uns continuar dependendo da infelicidade dos outros.